

19-4-1961

Editor: R. Pinheiro de Oliveira — Prop. do Soc. Indústria de Imprensa — Redacção, Administração

OS ACONTECIMENTOS DE ANGOLA**REFORÇOS E MANTIM
FORAM ENVIADOS PARA A POVOAÇÃO
QUE ESTÁ PRÁTICAMENTE**

(De AGNELLO PAIVA, correspondente do «Diário Popular»)

LUANDA, 19 — As populações, bem como as autoridades e as forças militares do Norte de Angola mantêm-se aler-

dente em Maquela do Zombo, declarou ter sido preso, ali, um soba que confessou às autoridades estar a preparar-se um

próprio vis-
da tarde,
bandos de
dezas, not-

**TEME-SE UM ATAQUE EM MASSA
A MAQUELA DO ZOMBO E PRO-
CEDE-SE À EVACUAÇÃO DA POPU-
LAÇÃO DO BEMBE**

ta na expectativa de novos ataques das hordas terroristas.

Ao chegar, ontem, a Luanda, o sr. José Maria de Carvalho, há muitos anos resi-

ataque em massa contra aquela vila fronteiriça e que hoje mesmo deveria desencadear-se novo assalto à povoação da Damba. E o viajante acrescentou ter ele

CUMpra QUEM MANDA!

A seguir publicamos na íntegra a carta que, a propósito do rectângulo em epígrafe, nos escreveu o ex-subsecretário de Estado do Exército, sr. coronel Francisco da Costa Gomes:

Sr. Director: Na local intitulada «Cumpra quem manda», in-

serta na primeira página do «Diário Popular» de 14 p. p., fazem-se afirmações de tal forma graves que, a serem verdadeiras, deveriam levar imediatamente a tribunal os seus responsáveis directos.

Com efeito, afirma-se que a demora em ocorrer à defesa de Angola estava a transformar em calvário o problema angolano, so-

(Continua na 11.ª pág.)

HA**VISA**

NOVA
são da ra
S. Peters
esta ma
zado por
sada um
minadas

A emis
bardeiros
identifica
Libertad
los aviões
sora não
segundo

Por ou
cutada
radio gov
noticiava
«B-26» ti
a base a
nos, pert

CUMpra QUEM MANDA!

(Continuação da 1.ª pág.)

bretudo no impasse da insuficiência das medidas militares.

Ora, a verdade, Senhor Director, é que o problema angolano, como aliás o de todas as províncias africanas, não é um problema simples mas um complexo de problemas do qual o militar é uma das partes que está longe de ser a mais importante.

Relativamente ao problema militar e na parte que se refere ao Exército, do qual fui até ao dia 13 um dos responsáveis pela sua direcção, posso afirmar, sem receio de desmentido, que não houve impasse e, pelo contrário, ousou mesmo dizer que nunca em época alguma da nossa História se mudou com tanta rapidez e de uma forma tão eficiente a direcção do nosso esforço militar, desviando-a da Europa para o Ultramar.

A implantação duma estrutura militar fortemente condicionada a estritas limitações financeiras, a insuficiência de quadros de pessoal especialista e de material de toda a natureza é geralmente morosa. Apesar destes condicionamentos, o esforço feito pelo Exército no Ultramar, nos últimos dois anos, e o que está planeado para 1961, é digno do maior respeito e consideração da Nação.

Não poderia fazer esta afirmação se na base desse esforço não estivessem especialmente empenhados todos os oficiais, sargentos, praças e funcionários civis do Exército que, guiados apenas pelo mais vibrante e apaixonado patriotismo, puseram nessa missão toda a sua inteligência e energia.

A homenagem que se deve àqueles que honrosamente sacrificaram já a sua vida pela Pátria e a justiça para com os vivos, impõem que se rectifiquem as ideias expressas na local antes referida.

Como me parece, Senhor Director, que neste momento impar da nossa História devemos esclarecer a Nação, peço a V. Ex.ª se digne publicar esta carta com relevo semelhante ao da local.

FRANCISCO DA COSTA GOMES
Cor. do C. E. M.

tal qual a focávamos na nossa local. Cumpra quem manda não deixou de surpreender a opinião pública e de alarmar profundamente a Nação.

Por outro lado, não podemos deixar de acrescentar que, se concordamos com o antigo subsecretário de Estado do Exército em que o problema angolano não é um problema simples mas um complexo de problemas (e, por nossa parte, não temos descuidado esses problemas, tanto que ainda recentemente voltámos a versá-los no artigo Sugestão inadiável, cujo desassombro provocou numerosas manifestações de aplauso ao nosso jornal), permitimo-nos discordar do ilustre oficial quando afirma que, do complexo desses problemas, o militar é uma das partes que está longe de ser a mais importante.

Nesta hora, dizêmo-lo nós firmemente, a parte mais importante, a essencial, é a militar. E é para a enfrentarmos, para a solucionarmos, com preferência a tudo o mais, que o Governo, as classes armadas, todos os cidadãos, todos os bons portugueses, devem cerrar fileiras, expender todos os esforços, fazer todos os sacrifícios, unir-se como um só homem, o que, bem entendido, está também longe de excluir os outros aspectos do problema angolano.

ESTÁ ABERTA A AUDIÊNCIA

JULGAMENTO DE ACUSADO

Mais um caso relacionado com um crime de bigamia está a ser apreciado no colectivo do 1.º Juízo Criminal da Boa-Hora, sob a presidência do corregedor dr. Alves Pinto. O incriminado é Hipólito José Pereira Esteves, de 50 anos, calzeiro de praça, natural de Lisboa, residente na rua da Saudade, 18.

Segundo o processo, o incriminado, em Janeiro de 1931, casara civil-

o Hipólito Esteves, de 50 anos, calzeiro de praça, natural de Lisboa, residente na rua da Saudade, 18. Segundo o processo, o incriminado, em Janeiro de 1931, casara civil-

O que se passou em Angola, e que está agora a ser remediado rapidamente e em força, à vista de todos, é um facto gravíssimo.

Provam-no exuberantemente as palavras do Chefe do Governo ao explicar à Nação os motivos da concentração de poderes da Presidência do Conselho e da Defesa Nacional como a alteração de alguns outros postos noutras sectores das forças armadas, efectuada em operação-relâmpago, mesmo antes da ampla remodelação ministerial anunciada.

Mas não é a nós que compete desfrinçar e fixar as responsabilidades do que se passou. E é claríssimo que também não queremos que sejam responsabilizados os que para isso não contribuíram.

Todavia, ao publicarmos a carta do sr. coronel Francisco da Costa Gomes, devemos acentuar que não julgamos oportuno, neste momento, abrir em nossas colunas polémicas e controvérsias que só concorreriam para quebrar ou enfraquecer a unidade de comando e de acção, absolutamente indispensáveis para pouparmos sacrifícios e vidas de nossos irmãos, para salvarmos Angola.

Para nós, esta hora não é de divisão! Por isso, o nosso jornal vem concitando à união todos os bons portugueses, para a defesa da integridade da Pátria.

Seja-nos, porém, lícito esclarecer quanto às limitações financeiras, referidas pelo sr. coronel Costa Gomes, que, mormente num país de débil estrutura económica, elas não podem deixar de existir.

Mas não é menos evidente que o orçamento geral do Estado vem progressivamente consignando nos últimos tempos, verbas muito amplas para fins militares. E sem subestimar «o esforço feito pelo Exército no Ultramar nos últimos dois anos» a verdade é que a situação de Angola,

mente com a queixosa, sr.^a D. Flora Pereira Esteves, tendo o acto sido celebrado na Penha de França, pelo conservador da 1.^a Conservatória do Registo Civil. Decorridos cerca de catorze anos em que o casal viveu na melhor harmonia, o réu abandonou o lar, passando a viver em mancebia com outra mulher. Em 28 de Março de 1947, com o fim de renovar o seu bilhete de identidade, o Hipólito obteve a certidão de nascimento, pela qual verificou que no registo não se encontrava averbado o seu casamento.

Salienta o despacho de pronuncia que, por esse facto, o incriminado resolveu logo contrair segundo casamento, começando por pedir novo bilhete de identidade, que, efectivamente, lhe foi passado em 8 de Setembro de 1947, pelo respectivo Arquivo. Na posse de tais documentos,

Notícias Pessoais

ENG. SILVICULTOR ANTÓNIO PASSOS

Teve a amabilidade de vir à Redacção do «Diário Popular» apresentar cumprimentos de despedida o sr. eng. Silvicultor António Aníbal Passos, dos Serviços Florestais de Angola, nosso prezado colaborador, que vai seguir para Luanda a fim de retomar as suas funções.

CASAMENTO

Na igreja de Corpus Christi, em Sevilha, realizou-se, no passado dia 15, o enlace matrimonial da sr.^a D. Ana Maria Ortiz Cruz, filha da sr.^a D. Juana Cruz Ortiz e do sr. José Ortiz Ballesteros, com o sr. António Ferreira Guerreiro Galla, filho da sr.^a D. Angelita Ferreira Guerreiro Galla e do sr. António Guerreiro Galla.

Celebrou o acto o rev. Alberto Maria Vieira, prior do Convento dos Dominicanos de Fátima. Foram padrinhos dos noivos, a mãe do noivo sr.^a D. Angelita Ferreira Guerreiro Galla e o pai da noiva sr. José Ortiz Ballesteros.

Na «corbelle» dos noivos viam-se ricas e valiosas prendas. Depois do copo-d'água, que foi servido no Hotel Maria Cristina, os noivos partiram em viagem de núpcias para o estrangeiro.

**O «DIÁRIO POPULAR»
É TRANSPORTADO PARA
TODO O MUNDO NOS
AVIÕES DA «P. A. A.»**